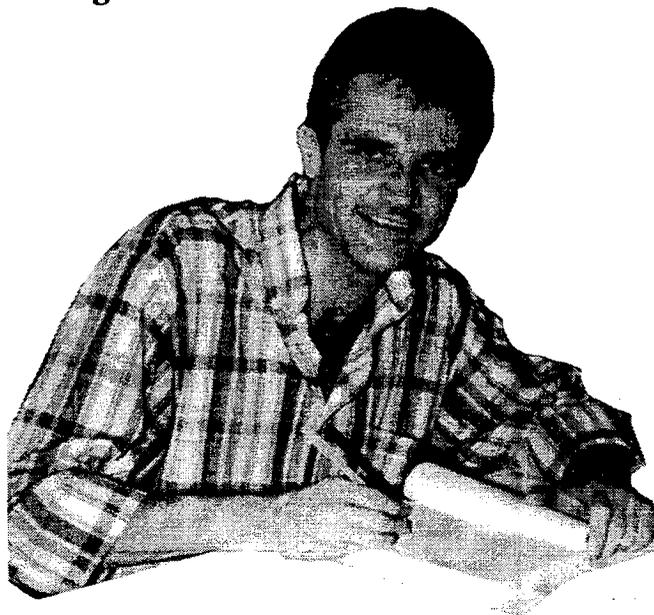


A Identidade de um Gaúcho, Cidadão do Mundo

Entrevista com Rogério Haesbaert



Rogério Haesbaert é bacharel e licenciado pela Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, cidade onde começou sua experiência docente. No início dos anos 80, veio para o Rio de Janeiro onde defendeu sua dissertação de mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Aqui, trabalhou em várias escolas de ensino fundamental e médio, além do Departamento de Geografia da PUC-RIO. Doutorou-se pela USP. Atualmente, é professor do Departamento de Geografia da UFF.

Dentre suas obras principais podem ser citadas: *Espaço e Sociedade no Rio Grande do Sul*; *Rio Grande do Sul Latifúndio e Identidade Regional* (sua dissertação de mestrado); *Blocos Internacionais de Poder*; *Desterritorialização e identidade, a rede "gaúcha" no nordeste* (tese de doutorado); *China, entre o Oriente e o Ocidente*; *Globalização e Fragmentação no Mundo Contemporâneo* (onde atuou como organizador do livro e autor de dois capítulos).

São muitos e diversos os artigos que publicou e vão desde temas como a modernidade e a pós-modernidade até festas gaúchas no nordeste. Atualmente, além de orientar diversas pesquisas na área de geografia regional, dedica-se ao estudo da presença e da influência dos brasileiros (especialmente gaúchos) além-fronteiras, particularmente nos países do Mercosul.

Rogério Haesbaert se inscreve como um dos mais talentosos geógrafos de sua geração tanto pela seriedade de seu trabalho como pela originalidade das temáticas que, prioritariamente, vem abraçando.

ENTREVISTA CONDUZIDA POR JOÃO RUA. RIO DE JANEIRO, OUTUBRO DE 1998

Geo UERJ - Como é de praxe em nossa revista, começamos a entrevista com aspectos bastante pessoais. Fale-nos de sua trajetória de vida - lugar de nascimento, origem familiar, infância...

94

HAESBAERT- Nasci em São Pedro do Sul, uma cidadezinha do centro do Rio Grande do Sul, entre a área da Campanha, onde meu pai, descendente de portugueses, trabalhava em lavouras de arroz, e a Serra ou Colônia, onde vivia a família de minha mãe, de pequenos produtores rurais, descendente de alemães. O casamento deles foi um pouco como a integração, nem sempre fácil, do gaúcho luso-brasileiro da Campanha e do colono ítalo-germânico da Serra. Com a diferença de que meu pai nunca foi latifundiário, muito pelo contrário, por muito tempo foi o que hoje se denominaria de sem-terra. Já a família de minha mãe representou a típica divisão do minifúndio: meu avô tinha que dividir 30 hectares entre 11 filhos. Acabou ficando com um pedacinho de terra quem havia se “assentado” primeiro... Mas eu gosto de lembrar a origem da família Haesbaert, principalmente depois que me diverti muito quando, sem me dar conta, fiz meus alunos de 5ª série aqui do Rio caírem na gargalhada ao afirmar que meu tataravô tinha sido o “primeiro pastor alemão” (protestante!) na fundação de Novo Hamburgo, em 1824. Essa herança imigrante, ou melhor, itinerante, parece que marcou toda a minha família, numa mobilidade atroz em busca de trabalho. Somente meus pais mudaram de residência 20 vezes em 25 anos, do urbano para o rural, e vice-versa, da agricultura e da pecuária para o pequeno comércio, os serviços... Eu mesmo cheguei a trabalhar cedo, aos 10 anos como revisteiro - vendendo revistas de porta em porta, depois como leiteiro, na carroça ajudando meu pai, depois “auxiliar de empacotador” numa loja de tecidos. Meus três irmãos também trabalharam desde cedo. Não foi nada fácil. Mas tudo isto me ensinou muito. Minha infância foi entre os livros (os poucos a que tinha acesso), a igreja (queria ser padre, para muitos a única saída para conseguir estudar - no seminário, e ir para uma cidade maior - a sede da diocese era em Bagé) e o campo (embora, para a tristeza do meu pai, do rural eu só me identificava mesmo era com a paisagem, do trabalho na

lavoura ou com o gado não tenho boas lembranças). Tenho também recordações muito contrastantes de uma família muito grande, tantos tios, primos, festas de igreja, romarias, tantas mudanças, desde casa de sapé e chão batido até um casarão com duas varandas, minha mãe lavando roupa no açude, meu pai vendendo terrenos, comprando gado, plantando arroz, pequeno comerciante, no meio disso tudo desempregado...

Geo UERJ - Como percebeu a sua vocação para a Geografia? Como começou a se encaminhar para este campo de estudos?

HAESBAERT- Acho que esta herança e esta prática migrante já bastariam para explicar minha paixão, desde pequeno, pela Geografia. A verdade é que eu nunca soube explicar por que, já aos 7 anos, e mesmo antes de entrar no “Grupo Escolar”, eu já era fascinado por mapas. E com 8 anos comecei a pedir, como presente de aniversário, cadernos e lápis, pra enchê-los de mapas e estórias que eu inventava sobre países distantes. A vontade de conhecer outras culturas, através do espaço, da paisagem, era enorme. Eram poucos os recursos, mas parentes que vinham de Santa Maria, “cidade grande”, de vez em quando me traziam revistas como os fascículos da Georama, que me marcaram muito. Aos 10 anos eu escrevi uma espécie de almanaque mundial descrevendo todos os países do mundo. Meu primeiro professor de Geografia, na antiga 1ª série do Ginásio, resolveu armar um concurso em plena praça da cidadezinha (hoje São Vicente do Sul, com uns 2 mil habitantes). Durante todos os dias da Semana da Pátria (bem sintomática esta “geografia do patriotismo”) respondi a perguntas de Geografia feitas pelo professor, pelo padre e até pelo prefeito. Hoje parece cômico: ganhei entrada grátis no cinema da cidade, que só funcionava aos sábados, por 2 anos e uma enciclopédia cujos mapas, lembro até hoje, foram uma das coisas mais fascinantes que eu tinha visto. Melhor que isto só mesmo nossa

mudança para Santa Maria e a biblioteca pública que passei a freqüentar. Todo horário livre que eu tinha, especialmente aos sábados, eu ia pra lá. Também foi a fase dos correspondentes. Coloquei anúncio numa revista aqui do Rio como “coleccionador de postais e mapas” e cheguei a ter mais de 30 correspondentes, inclusive do exterior, alguns meus amigos até hoje. Acabei participando de vários programas de rádio sobre Geografia, baseados no velho Aroldo de Azevedo. Ganhava uma quantia em dinheiro para gastar numa loja de roupas da cidade. Foi assim que enfrentei melhor alguns invernos... Lembro ainda que ouvia muito programas de rádio: minha primeira “grande” compra foi um radinho de ondas curtas para ouvir a BBC de Londres, a Deutsche Welle, a Rádio Central de Moscou e a de Pequim. Resumindo: meu maior sonho era um dia viajar, desvendando na prática aqueles territórios todos com os quais eu tanto sonhava (e quantas viagens imaginárias eu fiz!). A única profissão que pensei seguir além da de geógrafo foi a de jornalista, aos doze/treze anos eu fazia, manuscrito, um “Jornalzinho da Quadra” que circulava entre as casas do nosso quarteirão. Hoje vejo a realização de muitos destes sonhos quase não acreditando. Desde o Pão de Açúcar, verdadeiro mito - confesso que fiquei decepcionado quando vi que ele não era da altura que eu esperava... - quando é que eu poderia imaginar, lá naquela vida interiorana, vendo a foto da “folhinha” (calendário), que hoje eu estaria admirando um pedaço dele da minha janela? Só espero que ninguém pense com isto que sou partidário do “self-made man”. Tenho plena consciência de que muitos bons geógrafos ficaram por aí, no meio do caminho, porque, mesmo batalhando como eu, não tiveram a mesma sorte. “Sorte” no sentido de que este capitalismo que temos, hoje mais do que nunca, se tornou um grande cassino, onde só vencem os que tem dinheiro para apostar (e chegar até o cassino...).

Geo UERJ - Que influências você marcaria na sua formação geográfica (na graduação) e que leituras mais o marcaram nessa época?

HAESBAERT- Fazer Geografia no final dos anos 70, em plena (relativa) “abertura”, no interior do Rio Grande do Sul (Santa Maria), não era nada fácil. Antes de comentar sobre as influências em termos de autores e obras, gostaria de falar um pouco das contradições e conflitos que vivi diante entre uma visão crítica e outra muito conservadora. Ao mesmo tempo em que ouvia as críticas ferozes ao regime militar por rádios como a Central de Moscou (mas não podia comentar com ninguém) e recebia de meus correspondentes artigos escritos por intelectuais e políticos brasileiros no exílio, convivía na Universidade com o “pensamento único” de um movimento estudantil pelego e cheguei a ser presidente de Diretório Acadêmico, pedindo demissão assim que cheguei a verba doada diretamente pelo Ministério da Educação, em Brasília - diretório acadêmico ali se tornara mero instrumento para promoção de eventos e assistencialismo estudantil. A única “vantagem” desta experiência, além de conhecer alguns bastidores da repressão (tempos depois fiquei sabendo que um de meus amigos era o representante do SNI na Universidade), foi a carona que peguei num ônibus dos estudantes que foram a Brasília falar com o ministro - aproveitei para buscar farto material nas embaixadas, já pensando num curso na França ou Alemanha. Enquanto isto meu “amigo do SNI” tinha conseguido uma audiência de última hora com “um tal de Chefe do Gabinete Civil” da Presidência, de quem eu nunca tinha ouvido falar e que era nada menos do que a eminência parda do regime, Golbery do Couto e Silva. Sobre a minha formação, devo admitir que na Geografia Física tive bons mestres de geomorfologia e climatologia e fui aluno de excelentes geólogos. Como monitor de Mineralogia e Petrografia participei de um excelente trabalho de campo coletando amostras em todo o planalto

96

catarinense. De resto, a maior parte de minha formação foi extra-classe, principalmente participando dos encontros da AGB, fundamentais na minha trajetória acadêmica. Além disso, escrevendo para o IBGE eles me presentearam com uma coleção de vários anos do Boletim Geográfico e da Revista Brasileira de Geografia. Imaginem com que satisfação eu degustei o Boletim e com que apreensão eu tentei enfrentar os artigos, àquela altura extremamente “quantitativistas”, da Revista Brasileira. Mas o mais importante, sem dúvida, foi a minha participação no Encontro da AGB em Fortaleza, em 1978. Nunca me esqueço, consegui dinheiro emprestado com meu avô, arranjei alojamento e estadias de meio do caminho, foram quatro dias até o Ceará. A palestra do professor Milton Santos foi um impacto. Lembro da sua indignação ao mesmo tempo contundente e emocionada, retornando ao Brasil e se confrontando com os “quantitativistas”. Consegui uma cópia clandestina de uma edição portuguesa de *A Geografia serve antes de mais nada para fazer a Guerra*, de Yves Lacoste, que estudantes da UFF estavam distribuindo. Foi uma verdadeira descoberta. O mais inovador que até então eu havia conhecido eram algumas propostas da “Geografia Teorética”, através de uma professora que fizera mestrado em Rio Claro. No final do curso foi fundamental uma disciplina dada pelos professores Aluizio Duarte (orientador “à distância” da minha monografia) e Luiz Bahiana, do IBGE aqui do Rio. O contato com a professora Bertha Becker num encontro da AGB em Caxias do Sul também foi decisivo, pois ela me estimulou muito, vindo depois a ser minha orientadora no mestrado. Nesta época os livros *Por uma Geografia Nova* e *O espaço dividido* (que meu pai me deu como presente pela conclusão do curso), de Milton Santos, foram fundamentais. Um ano depois de formado tentei o mestrado em São Paulo, mas como ninguém me conhecia e só havia concurso no Rio, acabei vindo para cá. Apesar das enormes dificuldades de adaptação, vindo direto do

interior do Rio Grande do Sul, “sem escalas”, nunca me arrependi. Como a maioria dos brasileiros, sempre tive o maior carinho e uma certa fascinação pelo Rio de Janeiro. Os contrastes geográficos e culturais e as violentas contradições desta megacidade são um constante estímulo para repensar nossos pontos de vista e mesmo um desafio à própria imaginação. Se existe uma “imaginação geográfica” brasileira, ela com certeza tem raízes aqui.

Geo UERJ - No seu ponto de vista, como se situa a Geografia no momento atual (importância do discurso, a prática do geógrafo, o mercado de trabalho...)?

HAESBAERT- Acredito que a Geografia e as questões ligadas ao espaço geográfico (por favor, usem este nome, pois ao contrário do que muitos ainda afirmam, ele não é nem apenas “espaço natural”, nem apenas “espaço social”) nunca tiveram tanta importância: questões “ambientais”, geopolíticas, geoeconômicas, identidades territoriais, questões de “deslocalização”, “des-territorialização”... Corporativismos à parte, só lamento que muitas destas questões geográficas estejam sendo abordadas mais (e muitas vezes melhor) por não-geógrafos do que por geógrafos. A quantidade de autores que trabalham com concepções geográficas, hoje, já é tão vasta que às vezes não conseguimos mais distinguir o trabalho do geógrafo do de outros cientistas sociais ou da área ambiental. Também nunca fomos tão requisitados pela mídia. Embora esta seja uma faca de dois gumes, é o melhor sintoma de que nosso ponto de vista é, e muito, relevante. Para completar, temos um dos maiores intelectuais da atualidade no Brasil. A importância de Milton Santos para retirar de muitos geógrafos um certo complexo de inferioridade e para difundir uma teoria do espaço gestada no Terceiro Mundo só será devidamente avaliada daqui a algum tempo. A propósito, a qualidade da produção intelectual dos geógrafos brasileiros nos anos 90

deve ser enfatizada. Nunca publicamos tanto e com um nível tão bom. Só espero que continuemos abrindo portas no diálogo com outras áreas. É fundamental, neste momento, o intercâmbio de perspectivas. Nunca nossas questões se cruzaram tanto: praticamente abrimos, no Brasil, debates como o da globalização e o de uma certa geopolítica, hoje amplamente discutidos. Com relação à atuação profissional do geógrafo, infelizmente, embora com a minha carteira do CREA, nunca atuei como geógrafo profissional, a não ser numa breve assessoria a um trabalho do IBGE. Mas não percebo esta dicotomia que muitos vêem entre o geógrafo “acadêmico e o “profissional” ou técnico. Durante muito tempo nós, “geógrafos críticos”, tivemos um certo preconceito com relação aos que lidavam com a técnica, com a “Geografia prática” ou aplicada. O preço que pagamos foi, por exemplo, a voz e a representatividade que temos hoje junto ao CREA. Mas felizmente parece que está mudando. Assim como a AGB, cuja história ainda precisa ser contada. Uma associação de professores ou de geógrafos, de estudantes ou de acadêmicos, de graduandos ou de pós-graduandos? Até estas dicotomias nós alimentamos. Ainda precisamos aprender mais a sermos solidários e convivermos mais com a diversidade de posições. Já gastamos muita energia em disputas e lutas internas, menores. O geógrafo com uma entidade forte, una, com certeza terá ainda muito maior atuação e visibilidade. A atuação do geógrafo junto às empresas privadas ainda aparece como uma “venda ao capitalismo”. Como se só pudéssemos ser críticos e sobreviver dignamente do “lado de fora” do sistema. Precisamos estimular nossa atuação em vários níveis - ou escalas, se preferirem. Há várias possibilidades para ampliar o trabalho do geógrafo, inclusive junto a ONGs. Mas elas muitas vezes nem conhecem nossas capacidades. O “geógrafo que faz”, incluindo aí o que faz muito trabalho de campo, parece ainda se sentir inferiorizado frente ao “geógrafo que pensa”, como se a tão falada divisão do

trabalho manual-intelectual fosse não só corroborada mas também hierarquizada, como nos velhos tempos. Para a nossa satisfação é cada vez maior o número de geógrafos que, ao mesmo tempo, “fazem e pensam”, ou vice-versa.

Geo UERJ - Como começou seu interesse pela questão regional? As suas experiências da infância (grande mobilidade espacial familiar) o teriam influenciado a perceber as diferenças entre os lugares?

HAESBAERT- Como já comentei antes, houve uma espécie de fascínio inato pela busca daquilo que se diferenciava, que me fazia ver os outros (espaços) no jogo da “semelhança e diferença”. Qualquer viagem, por menor que fosse, representava um “alargar o horizonte” que me dava um prazer enorme. A linha do trem que eu percorria a pé no caminho da Igreja era o maior instrumento nesse sonho. A brincadeira que eu mais curti eram as estradas de ferro feitas em sulcos pelo chão, por onde corriam meus trens de pilhas usadas. Ali eu podia desenhar a geografia que bem entendesse. A “região” surgiu pra mim meio como o “pays” de Vidal de La Blache. Cada vale da Serra era para mim uma grande descoberta. Lembro com que satisfação eu andava naquelas carretas de boi só pra subir o cerro e poder “descobrir” o que havia do outro lado. Novas paisagens me marcavam muito. A rápida passagem pela área da Campanha, aos 10 anos, significou ao mesmo tempo o defrontar-me com os limites da pobreza, na casa de sapé e chão batido, e com a violenta riqueza daqueles latifúndios sem fim. O “local”, ali, se transformava num mundo inteiro. Acho que, na minha infância, eu já estava, por minha conta e ao meu modo, “globalizando”. Aquelas cidades diminutas, aqueles cerros, vales e o pampa a perder de vista eram para mim um universo. Mas por fazê-los tão grandes eu busquei sempre desvendar outras fronteiras, outras “regiões”, pois sabia que elas poderiam ser muito maiores e mais desafiadoras

ainda. Bem mais do que a mobilidade espacial da minha família - mudanças na verdade muito mais geográficas do que cartográficas, já que se davam num raio de apenas 100 a 200 quilômetros, o que me influenciou mesmo foram os contatos à distância, via rádio e correspondentes. A chamada geografia regional sempre me pareceu mais sedutora pois era ali que eu conseguia ver realmente a geografia, integrando as múltiplas dimensões do espaço. Um dos primeiros trabalhos que publiquei, no Boletim Gaúcho de Geografia, foi justamente uma tentativa de regionalizar o Rio Grande do Sul, utilizando a perspectiva centro-periferia.

Geo UERJ - Ao observar a sua obra percebe-se que você começou com estudos sobre o Rio Grande do Sul (livros e dissertação de mestrado), depois passou para "Blocos Internacionais de Poder" e mais tarde desenvolveu discussões em livros, artigos e tese de doutorado sobre temas específicos (inclusive a China), sobre modernidade e pós-modernidade, globalização/fragmentação/exclusão, gaúchos no Nordeste, gaúchos para além-fronteiras etc. Como você vivencia esta articulação global/local, tão clara em sua obra?

HAESBAERT- Ouvindo esta lista parece que sou bastante eclético. A verdade é que duas grandes linhas atravessam este percurso acadêmico: em nível teórico os conceitos de região e regionalização, nas múltiplas conexões local/regional/global e, em nível mais empírico, aquilo que eu poderia denominar a saga dos gaúchos. Dos latifundiários da região da Campanha (mestrado) aos migrantes da "rede regional gaúcha" pelo Brasil (doutorado), eu agora pesquiso os brasileiros (a maioria gaúchos!) nos vizinhos do Prata. Este é, posso dizer, o eixo do meu trabalho: a questão regional vista a partir das idas e vindas dos gaúchos, sulistas. Em meio a este trabalho mais aprofundado tive alguns passatempos, eu diria, como aquelas viagens da infância, porém

agora muito mais concretas. Blocos Internacionais de Poder foi produto de minhas aulas de Geografia Regional e que me levou, a partir daí, a viajar e conhecer de perto a Europa Oriental, a China (duas viagens de um mês cada), a Rússia, o Marrocos, México/Chiapas... Dá pra perceber que o fascínio pela alteridade continua firme e não dissocio nunca a minha experiência de vida do meu trabalho - parece haver uma simbiose entre os dois. E há contradições importantes aí no meio. Nunca deixei de ser gaúcho, apegado à terra como meu pai - embora ele nem sempre tivesse acesso a ela, e ao mesmo tempo me sinto cada vez mais carioca e, viajando, me translado como posso para as alegrias e o sofrimento dos outros, seja um nômade tibetano resistindo à sedentarização imposta pelos chineses, seja um camponês indígena de Chiapas lutando por sua terra e sua identidade. Acho que esta inquietação se reflete no meu trabalho. Se há uma articulação global/local, e vice-versa, é aquela que fazemos concreta e cotidianamente no nosso trabalho. Num mundo de mudanças tão rápidas e imprevisíveis, devemos, mais do que nunca, valorizar tanto o debate teórico quanto a vivência empírica. Não mergulhar no "espaço vivido" é se furtar à fonte primeira das mudanças. E o global ainda é muito mais o cotidiano da elite gerencial-financeira, fração mínima da população do planeta, no máximo o intercâmbio acadêmico e internáutico, e não a realidade concreta vivenciada no cotidiano da maior parte da população, os excluídos de todos os matizes.

Geo UERJ - No livro Des-territorialização e Identidade - a rede "gaúcha" no Nordeste, sua tese de doutorado, o Professor Milton Santos, no elogioso prefácio, afirma que o referido trabalho descreve a saga de duas regiões que se encontram. Fale-nos um pouco dessa perspectiva. Como se dá este "encontro"?

HAESBAERT- É importante lembrar que o professor Milton afirma que, "grosseiramente", po-

demos falar, enquanto “metáfora”, de duas regiões que se encontram. Na verdade são dois grupos sociais com duas formas de regionalismo e, sobretudo, de identidade regional, que se encontram. Acontece que o gaúcho, ou melhor, o sulista - pois no Nordeste todo sulista vira gaúcho, daí o “gaúcho” entre aspas no título do livro - parece levar consigo o seu território. Parece, pois o que ocorre é que, como ele é um migrante muito cioso da sua origem, valorizada por ele sempre de modo muito positivo frente aos outros grupos sociais, o sulista acaba reproduzindo arremedos de territórios gaúchos nas áreas onde se estabelece, não raro com formas explícitas de segregação. Tenta manter suas tradições, seu sotaque muda muito pouco, tenta tomar o poder político ou formar novos municípios sobre os quais tenha domínio, acaba fundando Centros de Tradições Gaúchas - uma rede gigantesca, hoje, no interior do país, quando capitalista ou cooperativado mantém laços empresariais com o Sul, enfim, desenha-se aquilo que eu denominei não de uma região sulista fora do Sul, até porque seriam áreas muito fragmentadas, mas uma “rede regional” formada por estes múltiplos laços com a região de origem. Alguns grupos migram e se integram com relativa facilidade aos territórios para onde vão. Os sulistas, ao contrário dos nordestinos, acabam sendo muito mais regionalistas (ou bairristas, se quiserem), provavelmente por prevalecer entre os migrantes classes mais ricas ou classes médias que valorizam muito sua origem européia e seu papel de agentes modernizadores, principalmente em relação à cultura da soja. Uma questão que eu levanto no meu trabalho é o que aconteceria com estes migrantes, geralmente de classe média, com valores muito arraigados, política e moralmente mais conservadores, se eles ao invés de se dirigirem para estas áreas rurais ou pequenas cidades tidas por eles como atrasadas, onde é mais fácil impor seu domínio e mesmo sua cultura, se dirigissem para as grandes metrópoles mais cosmopolitas e onde estes valores mais tradicionais

poderiam a todo momento ser postos em questão. É verdade que também podem se formar guetos extremamente reacionários no interior das metrópoles, mas que as grandes cidades “assustam” a maior parte destes migrantes, geralmente provenientes do campo ou das cidades do interior dos estados do Sul, isto é uma realidade. Caberia também discutir as diferentes formas de integração e de segregação entre sulistas e baianos, sulistas e paraenses, sulistas e mato-grossenses, pois em cada contexto social e ecológico há comportamentos variáveis. O sulista que migrou para o Mato Grosso, por exemplo, por uma série de razões, acabou reproduzindo lá espaços muito semelhantes aos que deixara no Sul, mesmo num contexto ecológicamente bastante diverso. Cidades como Canarana, que tem uma cuia de chimarrão como monumento na entrada da cidade, e Primavera do Leste, que tem até sua Festa da Uva e um intenso movimento tradicionalista gaúcho, são localidades em que os sulistas se sentem “em casa”, como eles próprios fazem questão de frisar. O jornal Tradição, editado em Porto Alegre e dirigido a todos os sulistas tradicionalistas do Brasil e do exterior, frequentemente traz relatos dos grandes “festivais nativistas” e rodeios gaúchos, que são diferentes dos rodeios “country” do interior paulista, e que movimentam milhares de pessoas nas mais diversas áreas de presença sulina, inclusive no exterior. Um Centro de Tradições Gaúchas que visitamos em Santa Rita, no Paraguai, encontra-se vinculado à Região Tradicionalista de Guarapuava, no Paraná. É como se o gauchismo agora estivesse estendendo sua área cultural para dentro dos vizinhos do Prata, quase que invertendo a direção anterior, já que as raízes mais fortes desta cultura estavam no Pampa argentino-uruguaio.

Geo UERJ - Como surgiu seu interesse pelo sertão baiano? Parece que você teve diferentes experiências naquela boa terra que marcaram muito o rumo da pesquisa. Como foi isso?

100

HAESBAERT- Na verdade eu sempre fui um apaixonado não propriamente pelo sertão, mas pela cultura nordestina, e baiana em particular, seu modo de falar, sua música, sua hospitalidade. É claro que em se tratando de identidade nada é fixo e nada vale para todo o conjunto da população, mas essas características acabam fazendo um contraste muito grande com o modo de ser do sulista. Foi por contraste comigo mesmo, com a minha disciplina, com o meu rigor meio espartano, que acabei nos “grandes sertões” baianos. Digo grandes sertões porque a área em que trabalhei foi muito mais a dos cerrados do “grande sertão” de Guimarães Rosa do que a da caatinga de “Os Sertões” de Euclides da Cunha. Tal como nos pampas do Sul, o horizonte das chapadas e a vegetação rala da maior parte dos cerrados é um convite à superação de fronteiras. Parece não haver limites. Essa vastidão me tocava fundo. Colocando aí um povo sereno, hospitaleiro, não há quem resista. Lembro de um povoado centenário dos Gerais baianos que visitei e a conversa com Seu Arlindo, um morador antigo que teve a vida da família completamente desestruturada com a chegada dos sulistas, que desmataram a vereda de onde vinha a água da comunidade e de onde, com o asfalto, muitos começaram a migrar para a cidade. Ele me falava, ao seu modo, da ambigüidade dessa modernização que os lançava repentinamente num ritmo completamente outro, no qual os baianos, generalizava ele, dificilmente conseguiam entrar. Se o ritmo da maior parte dos baianos ainda é outro, tenho minhas dúvidas, mas que eles me deram muitas lições de vida, isto deram. Desde a minha companheira de poltrona na primeira viagem que fiz para a Bahia, e que gentilmente me ofereceu a casa dela, numa favela da periferia de Salvador, para ficar, até outros amigos, grandes amigos, e uma grande paixão que, mesmo à distância, acabou brotando. Tudo isto me faz até hoje ter um enorme respeito e uma afeição única pela Bahia, especialmente pelos baianos mais humildes, que mesmo na pobreza guardam al-

guns segredos de felicidade que me fizeram reavaliar profundamente meus projetos “lusogermânicos” de “progredir na vida”. Acho que outros gaúchos, no oeste baiano, estão aprendendo muito também. Muitos deles têm que entender que o sulista não está lá apenas para ensinar, impondo um espaço dominado pela razão, nem sempre racional, e pela técnica, onde o sentimento chega por último e, quando chega, é para ser compartilhado apenas entre os seus semelhantes. Os baianos humildes que me receberam o fizeram sem esperar nada em troca. Mas sei que posso estar sendo simplista. Nenhum atributo vale para todos ao mesmo tempo. Também fiz grandes amizades entre os sulistas na Bahia, alguns tão preocupados com as mudanças que chegaram até a criar entidades para a defesa da cultura local.

Geo UERJ - Em seu doutorado você passou muito tempo na França. Como se percebeu ao ter contatos diretos com a sua bibliografia “ao vivo”? Que limitações encontrou? Como este outro momento marcou sua vida profissional?

HAESBAERT- Um ano não foi tanto tempo assim. Mas foi uma espécie de divisor d'água no meu trabalho, pra não dizer na minha vida. A co-orientação do prof. Jacques Lévy e a participação no seu grupo de estudos foi de extrema importância. Ele é um dos geógrafos franceses mais criativos, sérios e preocupados com uma teoria do espaço. Na Geografia, tive contatos mais rápidos com o prof. Yves Lacoste e Paul Claval, e assisti um curso inteiro do prof. Augustin Berque, surpreendente descoberta (embora deva confessar que prefiro seus livros do que suas aulas), da qual até hoje tiro bons frutos na perspectiva da Geografia Cultural e na concepção de paisagem, incluindo sua rica interpretação da cultura oriental e sua proposta para romper com a dicotomia sociedade/natureza. A maioria dos cursos que freqüentei foram fora da Geografia: na filosofia - as aulas sempre instigantes do prof.

Castoriadis, uma das quais João Rua compartilhou comigo, nosso mestre comum; na antropologia - um curso sobre Espaço e Identidade com o prof. Marc Augé, que na ocasião escrevia seu livro sobre os "Não Lugares", e na sociologia - o curso de Alain Touraine sobre modernidade e o curso de Pierre Bourdieu no Collège de France. Devo ao prof. Milton Santos e ao meu orientador Dieter Heidemann o estímulo maior para esta temporada na França. Além da guinada intelectual, ela serviu como uma tremenda experiência de vida, percebendo in loco a disciplinarização tão produtiva (produtivista às vezes), o grau de individualismo e as dificuldades "humanas" dos países ditos centrais, valorizando mais, assim, determinados pontos da nossa cultura que se revelam mais ricos vistos de fora, desde a nossa música até as nossas demonstrações de afetividade, mas também percebendo muito mais a posição periférica a que eles nos relegam, geralmente diluindo-nos numa pretensamente homogênea América Latina. E o preconceito - basta lembrar um fato curioso, quando estava tentando alugar apartamento uma proprietária afirmou, sem maiores discussões, que como eu era brasileiro, ela não alugava, pois eu fazia muita festa. Por outro lado, muitas vezes cobravam de mim uma identidade que eu nem sabia que tinha, e que incluía fazer feijoadas, caipirinha, dançar samba e jogar futebol. Também valeu muito, em termos acadêmicos, a participação nas conferências promovidas pelo Centro de Estudos do Brasil Contemporâneo, na Maison des Sciences de l'Homme, onde tive o privilégio de participar também como palestrante. Aprendi a dar outro valor a intelectuais que ousaram propor uma leitura "brasileira" de grandes questões, tanto os que passaram ao vivo por lá, como Celso Furtado, Alfredo Bosi e Roberto DaMatta, como os que passavam com frequência no âmbito das idéias, como Gilberto Freyre e Raimundo Faoro. Das decepções nos cursos, talvez a mais intrigante foram o formalismo das aulas, geralmente uma conferência de quase duas horas, e a au-

sência ou menosprezo ao debate, exatamente o oposto do nosso ambiente carioca, demasiado "solto", muitas vezes. Só pra dar um exemplo, depois de uma aula expositiva em geral sobravam uns dez minutos para o que eles chamavam de debate. Óbvio que importantes questões simplesmente ficavam para a aula seguinte e nunca mais eram retomadas, principalmente se questionavam de fato a posição do mestre. Na maioria dos casos o curso se relacionava a um livro que o professor estava escrevendo e para cada aula ele preparava um capítulo ou parte de um capítulo.

Geo UERJ - No livro recente, que você organizou, e do qual é o principal responsável - *Globalização e Fragmentação no Mundo Contemporâneo* - você quase montou um grupo de estudos de geografia do mundo contemporâneo. Como foi este trabalho? Terá continuidade? Será mesmo um grupo de discussões?

HAESBAERT- É verdade. Trata-se de certa forma de uma iniciativa inédita. São muito poucos os geógrafos brasileiros que têm um olhar, digamos, regional para a geografia do mundo contemporâneo. E o NUREG - Núcleo de Estudos sobre Regionalização e Globalização, que criamos em 1993 na Universidade Federal Fluminense, estimulados por um currículo de graduação que era dos que mais enfatizavam o ensino da geografia regional do mundo, acabou dando origem a trabalhos, cada um numa disciplina específica, que resolvemos agrupar nessa coletânea. O convite a outros pesquisadores, de outras instituições, está em aberto. A participação do professor João Rua, da UERJ, foi em função de um diálogo antigo sobre a questão regional e do trabalho que ele já havia desenvolvido sobre os Estados Unidos. A proposta se revelou muito instigante, com todos os autores lendo todos os artigos e, embora respeitando-se totalmente as idéias de cada um, houve uma estimulante troca de pontos de vista. Uma relativa sintonia foi alcançada. Pessoalmente, eu gostaria muito de con-

102

tinuar ou, mais adiante, de retomar a iniciativa em novos moldes, talvez com estudos mais aprofundados sobre espaços mais específicos. O NUREG segue firme, porém as alterações no currículo da nossa graduação de certa forma retiraram um pouco o estímulo para trabalhos deste tipo, na medida em que a área de Geografia Regional foi a que mais cedeu para a entrada de outras disciplinas, e com isto não temos mais, por exemplo, uma disciplina sobre o Extremo Oriente ou sobre África, não sem reclamações dos alunos. A solução foi oferecer disciplinas, inclusive sobre Mundo Islâmico, optativas. Acontece que a geografia brasileira não tem nenhuma tradição de fazer uma geografia “de recortes” em nível mundial. Ou trabalha-se com os velhos continentes, ou com a relação genérica desenvolvimento/subdesenvolvimento, centro/periferia. Nunca houve um diálogo, a não ser em alguns trabalhos do prof. Milton Santos, com a América Latina em seu conjunto ou com a nossa vizinha e irmã África. Seria muito saudável se uma geografia assim começasse a ser articulada. O Mercosul tem ajudado, pelo menos, a olharmos com mais carinho para os nossos vizinhos do Prata, e a trabalhar com eles. O contato com geógrafos argentinos e uruguaios nunca foi tão forte. Mas daí a fazermos uma “geografia regional do Mercosul”, por exemplo, parece que ainda estamos longe. Temos dificuldade e talvez até um certo preconceito com aqueles que buscam trabalhar de forma integrada o espaço de um Estado ou uma “região”. Primeiro porque há muito não (re)discutimos a possibilidade de (re)fazer uma geografia regional efetivamente integradora, ou porque não acreditamos nesta integração entre múltiplas dimensões, valorizando unicamente as pesquisas tópicas (geopolítica do... geografia econômica... geografia cultural de...), ou simplesmente porque não acreditamos mais na validade destes recortes. Dar continuidade à nossa proposta, seja de uma geografia regional do mundo renovada, seja de um novo método de análise regional, parece um imperati-

vo. Rediscutir tanto o nosso método de recortar o espaço - a regionalização, quanto o de análise no interior destes recortes - a análise regional. Aproveito para conclamar aqueles colegas que queiram continuar este trabalho ou que queiram a ele se somar, que as portas estão abertas, e será uma satisfação aumentar nosso círculo de discussões e, sobretudo, de realização de novos trabalhos.

Geo UERJ - Como você definiria a complexidade do mundo atual? Teria um novo papel o regionalismo/localismo dentro de um mundo globalizado?

HAESBAERT - É difícil sintetizar uma resposta a estas questões. Primeiro porque a instabilidade, a incerteza e a imprevisibilidade são uma marca da nossa era dita, simplificada, global. De tal forma que até mesmo novas correntes teóricas incorporam esses princípios da incerteza, da complexidade. Correm paralelas, talvez de uma forma nunca vista com esta intensidade, formas de integração planetária, fluxos instantâneos de um canto ao outro do mundo, e formas de exclusão as mais violentas, com novas formas ao mesmo tempo de servidão e do mais completo esquecimento. Massas enormes de refugiados são o símbolo maior do que eu chamei aglomerados humanos de exclusão, estes seres humanos supérfluos que ainda assim, muitas vezes, revelam uma criatividade extraordinária de sobrevivência. Eles são um produto e ao mesmo tempo contribuem para a complexidade do mundo. Geram novos dualismos, mas que nunca são totalmente duais porque todos, mais do que nunca, estão “sob o mesmo teto”, e o planeta se revela pequeno não apenas pelos efeitos da globalização financeira via tecnologia informacional mas também pelos dilemas ecológicos que afetam o planeta como um todo. Nossos instrumentos teóricos para compreender este mundo ainda são muito frágeis. Não é à toa que, desde os anos 80, vivemos a era dos “pós”: pós-indus-

trial, pós-modernismo, pós-fordismo, pós-socialismo (como se ele tivesse se realizado um dia)... sintoma mais evidente de que, como dizia Gramsci, o velho está morrendo e o novo ainda não conseguiu nascer. Como entender um espaço que se dissocia e se integra ao mesmo tempo? A antiga lógica espacial em que os principais sujeitos desenhavam superfícies ou áreas contínuas, e que nos permitiam visualizar "regiões" relativamente coerentes e coesas, parece cair por terra, ou melhor, a ela se mesclam lógicas ditas reticuladas, ou seja, de redes, que podem ser representadas simplesmente por pontos, e linhas que muitas vezes são fluxos imateriais que produzem efeitos de um túnel, excluindo de sua influência imensas áreas que se transformam em simples espaços-passagem. O mundo pode ser visto como um conjunto de mosaicos ao qual se sobrepõe infinitas linhas, de várias densidades e "cores" (conteúdos), reunidas aqui e ali em pólos onde se dá a conexão partilhada por parcelas restritas da população. Na geografia regional sugere-se uma mudança de escala. A região, antes um espaço imediatamente abaixo do Estado nação, frente ao qual se definia, torna-se agora "local" e é definida por processos que se dão diretamente em relação ao espaço global, muitas vezes prescindindo ou menosprezando as relações com o Estado. O problema é que as antigas formas regionais não desapareceram. Alguns regionalismos e identidades regionais são até estimulados pela globalização, tanto como resistências à (relativa) homogeneização global quanto como modos de estimular novas formas de consumo. Vide a retomada dos regionalismos na Europa e em tantos países da chamada periferia. Agora não só os lugares a um nível geograficamente mais estrito, como os municípios, batalham para ser os "eleitos" dentro da seleção competitiva global, mas também espaços mais amplos, como as regiões no sentido mais tradicional, dialogam diretamente com os circuitos econômicos globalizados, na esperança de também serem as escolhidas. Assim, podemos ter lado a lado, dentro de uma

mesma cidade ou região, áreas completamente globalizadas, com alta densidade técnico-informacional, como diria Milton Santos, e áreas completamente marginalizadas, com baixíssima densidade técnico-informacional. O que une estes espaços é muitas vezes um conjunto de símbolos como os do consumismo, os quais até mesmo os mais excluídos veneram, a não ser que caíam nas mãos intransigentes de religiosos fundamentalistas, estes contra-globalizadores por excelência que, no seu conservadorismo, ainda conseguem proporcionar algum valor à vida dos excluídos.

Geo UERJ - Por fim, que conselho daria para um jovem geógrafo que desejasse trabalhar na linha dos estudos regionais?

HAESBAERT - Sou muito suspeito para dar conselhos na área de estudos regionais. Envolvido profundamente não só intelectual mas também emocionalmente naquilo que faço, acho que o único conselho a dar é que, quem está começando, se dedique à geografia colocando lado a lado sentimento e razão. Esta separação entre razão e sensibilidade foi ou é a nossa mais infeliz dicotomia. A geografia que até hoje mais dialogou e marcou nossa interlocução com outras áreas foi a geografia regional ao estilo lablacheano, onde o geógrafo não só buscava explicações racionais para entender o mundo como se jogava de corpo e alma naquilo que fazia, tanto no trabalho de campo quanto no de gabinete. Há alguns anos eu tentei sintetizar estas idéias num artigo, "Território, poesia e identidade", publicado pela revista Espaço e Cultura aqui da UERJ. Enxergar apenas o espaço técnico, racionalizado, utilitarista, e lutar contra ele apenas com estas armas é entrar no mesmo jogo dos poderosos. Nosso contra-poder está também nas formas afetivas com que nos relacionamos e que recolocam em outro patamar as relações dos homens em sociedade e, concomitantemente, dos homens no território. Temos uma parafernália tecnológica,

hoje, mesmo nos estudos regionais, ainda pouco explorada e que por isto mesmo seduz muito. Mas não se deixem levar pelo fascínio dos computadores. A geografia real e a mais estimulante é aquela que se dá nas ruas, nas favelas, nos acampamentos de sem terra, nas “novas fronteiras”, no embate de diferentes classes e de diferentes

identidades culturais. Os estudos regionais, reavaliados à luz dos processos contemporâneos, especialmente os de globalização, com certeza são um vasto campo a ser explorado pelo geógrafo que ainda acredita nas possibilidades efetivamente integradoras e multidimensionais da geografia.